

A idéia de quintessência nos livros de destilação e na magia natural¹

Maria Helena Roxo Beltran

lbeltran@pucsp.br

Fumikazu Saito

fsaito@pucsp.br

CESIMA/PUCSP

Resumo

A arte da destilação, empregada tanto por artesãos (boticários e metalurgistas, entre outros) quanto por alquimistas, era um processo altamente valorizado nas manipulações e investigações sobre a matéria no ocidente medieval e renascentista. Promovendo “a separação do puro a partir do impuro, do sutil a partir do grosseiro, do espiritual a partir do corpóreo”, a destilação permitia obter as virtudes medicinais de materiais dos três reinos da natureza, extraindo suas quintessências. Assim, este trabalho propõe-se a discorrer sobre a concepção de quintessência e o processo de sua extração por meio da destilação segundo a magia natural. Para tanto, apresentaremos casos selecionados a partir de obras que trazem indícios de mudanças nas idéias concernentes ao processo destilação nos séculos XVI e XVII.

Conhecimentos relacionados à arte da destilação foram registrados em diferentes tipos de texto, tais como livros de destilação, tratados renascentistas, traduções latinas de textos árabes, receituários referentes às artes decorativas e livros de magia natural. A idéia de que seria possível extrair a quintessência dos materiais por meio da destilação foi difundida no medievo ocidental em decorrências das obras de Arnaldo de Villanova, Johannes de Rupescissa e do corpo de textos atribuídos a Raimundo Lullio. Consideradas como as partes mais nobres das coisas que a natureza oferecia, as quintessências eram tidas como extremamente puras e sutis e o procedimento para sua extração envolvia sucessivas destilações. Era no processo de circulação contínua de material destilado, que ainda continha os quatro elementos, que essas essências sutis eram obtidas. Assim, o contínuo movimento de ascensão e descenso no processo de destilação transformaria a matéria em uma substância esvaziada de todos os elementos. Entretanto, as concepções relativas às quintessências e às virtudes dos medicamentos destilados viriam a se diferenciar ao longo dos séculos XVI e XVII. As idéias relativas ao processo destilação,

¹ Esta pesquisa é parte integrante de projetos maiores desenvolvidos junto ao CESIMA, com apoio da FAPESP

estabelecidos por autores daquela época, passaram não só por refinamentos como também por outras transformações e adaptações que envolviam procedimentos laboratoriais mais complexos. Essas mudanças puderam ser constadas analisando-se as concepções de quintessência expressas no *Liber de arte distillandi* de Hieronymus Brunschwig (1530), no *Thesaurus Euonymi Philatri* de Conrad Gesner (1552) e nas obras de Giambattista Della Porta *Magiae Naturalis libri XX* (1589) e *De distillatione libri IX* (1608), textos aqui selecionados para estudo.

O estudo dessas obras sugere que, na magia natural, persistia a concepção de que as quintessências eram poderosíssimos medicamentos. Entretanto, essas essências puras seriam algo ainda mais sutil e possível de ser obtido por procedimentos laboratoriais muito mais complexos, visto que o procedimento descrito por Della Porta é extremamente complicado, envolvendo não só digestões, destilações sucessivas e circulação, como indicado no livro de destilação de C. Gesner.

Palavras Chave: Magia natural, Destilação, Quintessência

A idéia de quintessência nos livros de destilação e na magia natural

Operação fundamental para se extrair as puras virtudes curativas de materiais dos três reinos, a destilação passou a ser amplamente empregada no ocidente medieval e renascentista, para obtenção de poderosas “águas” medicinais, bem como de pungentes “águas” que corroíam metais e pedras. Ao mesmo tempo, a destilação constituía importante processo na investigação alquímica da matéria. Promovendo “a separação do puro a partir do impuro, do sutil a partir do grosso, do espiritual a partir do corpóreo”², a destilação permitia obter as partes mais puras dos materiais medicinais, bem como faria com que “corpo se transformasse em espírito”.

Podemos dizer que a arte da destilação, empregada tanto por artesãos (boticários e metalurgistas, entre outros) quanto por alquimistas, consistia num processo altamente valorizado nas manipulações e investigações sobre a matéria. Isso fica evidente ao se considerar que conhecimentos relacionados a essa arte foram registrados em diferentes tipos de texto, tais como livros de destilação e tratados renascentistas, traduções latinas de textos árabes, receituários concernentes às artes decorativas, livros de magia natural³.

² Como exemplo dessa concepção, expressa em vários livros de destilação, vide H. Brunschwig, *Liber de arte distillandi*, 9; *Book of distillation* [1530] (New York/London: Johnson Reprint Co., 1971).

³ Para exemplificar citamos, entre os livros de destilação, o *Liber de arte distillandi* de Hieronymus Brunschwig, em suas várias edições desde 1500 e o *Thesaurus Euonymi Philatri* de Conrad Gesner, impresso em 1552; entre os tratados de metalurgia destaca-se o *De la Pirotechia* de V. Biringuccio, publicado em 1540; entre traduções latinas de textos árabes, pode-se mencionar a obra de Abulcasis, intitulado *Liber servitoris*, impresso pela primeira vez em 1471 e, entre os vários receituários tem-se *Mappae clavicula*, do qual chegaram a nossos dias duas cópias, uma datada do século X e outra do século

Esses livros advogavam o uso de medicamentos destilados a partir de materiais tradicionalmente tidos como curativos, pois a destilação permitiria obter as partes mais sutis desses materiais que, livres do corpo grosseiro, penetrariam com força maior no corpo humano. Hieronymus Brunschwig, por exemplo, em *Liber de arte distillandi*, diz que a destilação nada mais é do que um procedimento usado para:

“[...] separar o impuro a partir do sutil e o sutil a partir do impuro, cada qual apartado do outro, com o propósito de poder tornar o corruptível, incorruptível, e de fazer o material, imaterial”.⁴

Para os autores dos livros de destilação, a grande vantagem dos medicamentos destilados estava na pureza das “águas” obtidas que, em virtude de sua sutileza, penetravam o corpo humano com muita facilidade.

Dirigido às pessoas humildes que viviam longe de médicos e com dificuldade de ter acesso a remédios, a obra de Bruschiwig traz detalhadas descrições de aparatos, fornos e banhos empregados para extrair “águas” medicinais. A obtenção dessas “águas” tinha origem nas obras de Arnaldo de Villanova, Johannes de Rupescissa e no corpo de textos atribuídos a Raimundo Lullio⁵.

Esses textos difundiram no medievo ocidental a idéia de que por meio da destilação seria possível extrair a quintessência dos materiais, valorizando especialmente as virtudes da *aqua vitae* que, para Bruhschwig, era a “mestra de todos os medicamentos”.

As virtudes da *aqua vitae* também viriam a ser proclamadas por outro médico e humanista germânico chamado Conrad Gesner que, em seu *Thesaurus Euonymi Philiatr...*, livro de destilação freqüentemente publicado a partir da segunda metade do século XVI, declarava que a destilação era: “[...] a extração de um humor mais fino e puro de um caldo, pela força do calor”.⁶

Preocupado com o preparo adequado dos remédios destilados, Gesner dirige seu livro aos boticários e artesãos dedicados a essa arte. E, da mesma forma que Brunschwig, procura descrever os equipamentos e os diferentes modos de destilar. Entretanto, diferentemente da obra de Brunschwig, Gesner fornece referências e citações das mais variadas obras e conhecimentos que adquiriu, ou sobre os quais teve conhecimento por meio de relatos. Assim, ao se referir à *aqua vitae*, Gesner se refere às obras de Arnaldo de Villanova, Johannes de Rupescissa e os textos atribuídos a Raimundo Lúlio. Além disso, apresenta uma espécie de

XII. Sobre os diferentes tipos de textos concernentes às práticas de manipulação da matéria, vide. Beltran, M. H. R. *Imagens de magia e de ciência* (São Paulo: Educ/Fapesp, 2000).

⁴ Brunschwig, 9.

⁵ Beltran, *Imagens de magia e de ciência*, 35-60.

⁶ Gesner, C. *Thesaurus Euonymi Philiatr*, 1. *The treasure of Evonymus* [1559] (Amsterdam/New York: Da Capo Press, 1969).

distinção entre a *aqua vitae* e a quintessência do vinho, que não tinha sido considerada por Brunschwig:

“Chamam quintessência ao principal e mais celestial poder ou virtude em qualquer planta, metal, animal, ou em suas partes, a qual, pela força e pureza da substância e não por qualquer qualidade elementar ou sensível (embora não seja desprovida de qualidades), conserva a boa saúde do corpo do homem, prolonga sua juventude e o livra de toda espécie de doenças.”⁷

Entre as quintessências, Gesner dá destaque à quintessência do vinho, a qual seria obtida, primeiramente, destilando-se em alambique o melhor vinho que se conseguisse, do mesmo modo que usualmente é feita a aguardente. Entretanto, o processo deveria ser repetido por pelo menos quatro vezes sucessivas. E, para saber quando o material tinha sido suficientemente destilado, sugere inflamá-lo, verificando se ele era totalmente consumido.

Cabe notar que o processo apresentado por Gesner implicava na “circulação” do material num pelicano bem selado com argila. Era, pois, num processo de circulação que o vinho, prévia e seguidamente re-destilado, ainda contendo os quatro elementos, terra, fogo, ar e água, tornava-se quase incorruptível. O movimento de ascensão e de descenso separaria, dessa maneira, o grosso do sutil e o puro do impuro, transformando a matéria “elemental” em uma substância esvaziada de todos os elementos.

Podemos notar que, no *Thesaurus Eponymi Phylliatri...* de Gesner, as idéias sobre as virtudes dos medicamentos destilados parecem trazer um refinamento em relação ao que se encontra no *Liber de arte distillandi...* de Brunschwig. Mais ainda, podemos dizer que, entre os séculos XVI e XVII, essas concepções viriam a se diferenciar com mais intensidade.

De fato, as complexas as relações de transmissão, adaptação e transformação de idéias concernentes ao processo de destilação, estabelecidas por autores daquela época, e que estavam preocupados com o trabalho em laboratório, refletem-se nitidamente no *Magiae naturalis libri XX* de Giambattista della Porta (1535-1615), publicado pela primeira vez em 1589, e em *De distillatione...*, publicado em 1608.

Segundo Della Porta, a arte da destilação ensinava a extrair “vapores rociosos, espíritos, grumos, humores pegajosos ou viscosos; e aquela essência intrínseca que esta[va] escondida nas profundezas e nas partes mais íntimas das coisas (...)”⁸. Além disso, por meio da destilação seria possível investigar as virtudes das plantas e dos minerais de modo a penetrar em seus segredos, como era almejado pela magia natural. Entretanto, o estudioso napolitano observava que essa arte não

⁷ Gesner, 94-95.

⁸ Della Porta, G. *Magiae naturalis libri XX in quibus scientiarum naturalium divitiae et deliciae demonstrantur* (Napoli: Horatium Salvianum, 1589), I, 3.

deveria ser confundida com aquelas práticas de homens inábeis e vulgares, pois a arte de destilar era a única que possibilitava o enobrecimento das coisas naturais⁹.

Podemos dizer que, nesse ponto, sobressai uma divergência da visão expressa por Della Porta sobre essa arte, quando comparada às idéias veiculadas nos já aqui comentados livros de destilação. Entretanto, ao mesmo tempo, o texto de Della Porta aproxima-se do formato dos tradicionais livros de destilação, ao descrever, no Livro X da *Magia naturalis*, intitulado “Da extração das essências das coisas” (*De extrahendis rerum essentijs*), uma série de variados aparatos de destilação. Mesmo assim, Della Porta parece ir mais além, incluindo, junto às descrições, algumas explicações para o uso de diferentes vasos destilatórios. É nesse ponto que ele traz suas famosas analogias dos vasos com seres da natureza, observando que:

“(…) tudo isso o industrioso artífice (*artifex*) pode facilmente aprender por meio da imitação da natureza, que deu aos animais bravos e furiosos, como o leão e o urso, corpos robustos, mas pescoços curtos, para mostrar que os humores flatulentos se distribuiriam em vasos de ventre mais robustos e que as partes mais grossas ficam no fundo; porém, o veado, a avestruz e a girafa, criaturas graciosas e de espírito fino, têm corpos delgados e pescoços compridos para mostrar que os espíritos tênues e sutis devem ser extraídos através de uma passagem muito mais longa e estreita de modo a serem elevados mais alto para purificá-los”.¹⁰

Essa idéia é desenvolvida com mais detalhes em *De distillatione*, um tratado sobre a arte da destilação¹¹. Nessa obra, no primeiro Livro, após discorrer sobre a destilação e os diferentes tipos de fornos utilizados nessa arte, o mago napolitano discorre sobre os diversos gêneros de vasos que devem ser utilizados segundo a natureza do material a ser destilado.

Além disso, apresenta os processos específicos para cada tipo de material a ser destilado, indicando as formas de preparar “águas”, “óleos” e “quintessências”, bem como “magistérios”, “tinturas” e “elixires”, além de discorrer sobre a separação dos elementos.¹²

⁹ Della Porta, *Magiae naturalis libri XX*, X.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Della Porta, *De distillatione libri IX* (Roma: Ex Typographia Ver. Camerae Apostolica, 1608).

¹² O Livro X de *Magia naturalis*, intitulado “Sobre a destilação”, consta, além do proêmio, dos seguintes capítulos: I. O que é a destilação e sobre quantos são seus tipos; II. Sobre a extração de águas; III. Sobre a extração da *aqua vitae*; IV. Como destilar com o calor do sol; V. Como obter óleo por pressão; VI. Como extrair óleo com água; VII. Como separar óleo da água; VIII. Como fazer um instrumento para extrair óleo em maior quantidade e sem perigo de queimar; IX. Descrição do descensório, pelo qual o óleo é extraído por descenso; X. Como extrair óleo de gomas; XI. Várias artes para extrair óleos de outras coisas; XII. Como extrair óleo por descenso; XIII. Sobre a extração de essências; XIV. O que são magistérios, e sua extração; XV. Como extrair tinturas; XVI. Como extrair sais; XVII. Sobre os elixires; XVIII. Sobre *Clyssus* e como este é feito; XIX. Como obter óleos a partir de sais; XX. Sobre a *aqua fortis*; XXI. Sobre a separação dos elementos

A obtenção de cada um destes preparados, entretanto, requeria não só conhecimento dos vários materiais encontrados nos três reinos da natureza, mas também habilidade e destreza em manipulá-los, prepará-los e, principalmente, reconhecê-los em suas transformações durante o processo destilatório. De fato, ao descrever o preparo da *aqua vitae*, por exemplo, ao contrário das descrições desse processo apresentadas nos dois livros de destilação que aqui consideramos, Della Porta trata de descrever com detalhes a elevação e a condensação do espírito e da fleuma, levando em conta inclusive as condições de calor da cucúrbita e de frio na cabeça do alambique.

O procedimento descrito em *De distillatione* e no Livro X de *Magia naturalis* é também extremamente complicado na obtenção da quintessência da *aqua vitae*, ao qual se refere Della Porta dizendo que: “Esta é uma coisa alardeada por muitos; mas por ninguém efetuada. Não omitirei sua descrição, a qual encontrei, junto com um amigo muito versado em Experimentos, com a ajuda de *Lulius*”¹³.

O processo era complexo porque envolvia não só digestões, destilações sucessivas e circulação, como indicado no livro de destilação de Gesner, mas também re-destilações da água obtida acrescentada ao resíduo, e posterior secagem do material, até que se obtivesse um sal. A perfeição do processo seria reconhecida se o sal obtido, quando colocado sobre uma chapa de ferro aquecida ao rubro, se fundisse e se evaporasse. Caso contrário, seria necessário retificá-lo por meio de contínua circulação, até que se eliminasse toda a impureza, obtendo-se então uma essência fina e sutil.

Esses aspectos parecem indicar que, para Della Porta, a quintessência seria algo ainda mais sutil e possível de ser obtida por procedimentos laboratoriais muito mais complexos do que os indicados nos livros de destilação. Além disso, deve-se notar que, embora os livros dedicados à arte de destilar descrevessem a extração dessas “águas”, elas comparecem primordialmente nas obras de paracelsistas. De fato, já ao se referir às quintessências, Della Porta apresenta sua definição referindo-se explicitamente a eles:

“[...] a Quintessência seria a Forma, ou Espírito, ou Virtude, ou Vida (*anima*), separada das impurezas grosseiras e elementais do Corpo [...] Separada das impurezas elementares, porque quando a quintessência é extraída resta apenas uma massa de elementos esvaziada de todo o poder: pois o Poder (*vis*), [a] Virtude e [as] qualidades medicinais, não são os elementos, mas estão em suas essências, as quais ainda são elementos e contêm as virtudes dos elementos no mais alto grau pois sendo separados da parte grosseira de seus corpos, eles se tornam espirituais e, livres dela liberam seus poderes mais eficiente e veementemente”¹⁴

¹³ Della Porta, *Magiae naturalis libri XX*, X.

¹⁴ *Ibid.*

Essas considerações sobre a quintessência, os magistérios, as tinturas e os elixires, bem como à separação dos elementos, de Della Porta, podem ser encontradas em *Archidoxia*, obra escrita por Paracelso por volta de 1527, publicada pela primeira vez em 1570¹⁵. Nessa obra, considerada por alguns historiadores da ciência como uma pioneira sistematização dos processos laboratoriais sobre a matéria¹⁶, encontram-se complexas descrições da preparação e das virtudes desses medicamentos. Tratam-se de processos bastante complicados, como Della Porta admitira, ao se referir à obtenção das quintessências:

“O modo de extrair essas essências é um trabalho muito difícil, pois elas podem ser óleos, sais ou águas, e algumas são extraídas por Sublimação, outras por calcinação, outras por vinagre, vinho, águas corrosivas e coisas tais.”¹⁷

Segundo Della Porta, a quintessência era “pequena em quantidade, entretanto, grande em suas operações”. Ela não se confundia com outras conotações que muitas vezes eram atribuídas a ela. Em *De distillatione*, o mago napolitano observa que a “quintessência” era a “forma” de um corpo que era privada de toda qualidade sensível e elementar, obtida por meio de sucessivas destilações. Ela seria uma “quinta essência” apenas por similitude ao “ether”, ou seja, um “quinto ser” que aparecia no processo quando os quatro elementos eram apartados do corpo destilado¹⁸.

O processo de obtenção da quintessência da *aqua vitae* consistia em colocar a *aqua vitae*, depois de destilada seis a sete vezes, num pelicano ou nos vasos “gêmeos”, para ser re-destilado. Em seguida, tudo era colocado “sob esterco de cavalo ou de bagaços de uva ou em banho-maria, de tal modo que o fogo não se extinguisse, e fazia-se assim circulá-la novamente por meses. Enfim, segundo Della Porta, detritos seriam vistos no fundo e a quintessência, de cor azulada e clara, apareceria flutuando sobre eles”¹⁹.

No final do processo, uma “fragrância muito agradável” seria exalada. Se uma substância de cor azulada e de fragrância incomparável a nenhuma outra fosse assim obtida, significava que a quintessência da *aqua vitae* tinha sido extraída. Caso contrário, seria necessário remover as ferculências e colocar o conteúdo destilado para “circular” novamente²⁰.

¹⁵ Paracelsus. *His Archidoxis: comprised in ten books...* (London: W. S., 1660).

¹⁶ Pagel, W. *Paracelsus, an introduction to philosophical medicine in the era of the Renaissance* (Basel/New York: Karger, 1982), 275.

¹⁷ Della Porta, *Magiae naturalis libri XX*, X.

¹⁸ Della Porta, *De distillatione*, VIII, 4.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

Para Della Porta, a força (*vis*) da quintessência era tão grande que podia penetrar um corpo de modo tão eficaz a ponto de alterá-lo e, assim, manifestar operações admiráveis. Entretanto, além da quintessência outras substâncias sutis poderiam ser obtidas a partir do processo de destilação. Seguindo as concepções paracelsianas, o mago napolitano descreve ainda os procedimentos para se extrair o magistério, a tintura, o elixir e o “clisso” (*clissus*).

De acordo com o mago napolitano, o magistério (*magisterium*) era uma substância de natureza intermediária entre a quintessência e a tintura (*tintura*). Entretanto, não seria uma substância melhor que a quintessência, mas outra qualidade que poderia ser extraída dos materiais. Ou seja, “as quintessências seguiam a natureza da propriedade dos corpos mistos, mas que, ao contrário, o magistério seguia a qualidade dos elementos”²¹.

Por essa definição, podemos dizer que a propriedade de um corpo não estaria ligada às qualidades dos elementos terra, fogo, ar e água, visto que a quintessência seria a “forma” do corpo²². O magistério (*magisterium*), por sua vez, seria uma substância que consistia nas propriedades dos elementos. De fato, nos exemplos apresentados por Della Porta no Livro X, capítulo 14, de *Magia naturalis*, o magistério seria algo que “sobraria” no processo. Nesses exemplos, para extrair-se o magistério de um mineral ou vegetal, era necessário colocá-los em *aqua vitae*, depois de moê-los bem, ou calciná-los. Após ter liquefeito o material, do qual se procurava extrair o magistério, em *aqua vitae*, retirava-se o líquido, que muitas vezes tornava-se colorido, mantendo no fundo do recipiente o sedimento formado. Em seguida, esse sedimento, ou o próprio líquido, caso o sedimento não fosse formado, era colocado no forno e feito evaporar. Assim, o que restasse dessa evaporação seria o magistério.

Diferentemente do magistério, a tintura (*tintura*) seria a parte mais pura e mais ativa dos corpos coloridos e a parte mais nobre de um composto. Ela não se confundia com o magistério porque estaria livre de todas as misturas dos elementos e também não poderia ser considerada quintessência visto que retinha em si a cor do corpo do qual era extraída²³.

Cabe, contudo, observar que a tintura não era o pigmento da cor dos corpos. Na concepção de Della Porta, a tintura era o esplendor da cor, isto é, o “espírito da cor” que a fazia a cor do corpo, do qual era extraído, ser reluzente, brilhante e clara.

Ao explicar como se extraía a tintura do ouro, por exemplo, o mago napolitano²⁴ observa que os homens cultos, os curiosos e os investigadores da natureza mais recentes afirmavam que o magistério, o segredo e a quintessência do ouro consistiam na tintura: assim, a virtude, a força, a vida e a sua eficácia residiriam

²¹ Della Porta, *Magiae naturalis libri XX*, X 14.

²² Vide Livro I, cap. 5, de *Ibid.*, onde Della Porta diz que “a forma é a principal e mais excelente parte, absoluta em si mesma”

²³ *Ibid.*, X, 15.

²⁴ *Ibid.*, X, 15.

na cor. Por isso, segundo o mago napolitano, seria um grande segredo o conhecimento de sua extração. Além disso, o processo seria bem trabalhoso e requeria não só conhecimento, mas também habilidade e destreza, pois “a tintura não podia ser extraída senão dissolvendo completamente o ouro em *aqua fortis* ou *aqua regia* comum porque os sais corrosivos não estariam completa e absolutamente dissolvidos nela”²⁵. Por isso, Della Porta observava que era importante certificar-se de que todo o sal estivesse bem dissolvido para a destilação. Ademais, era preciso que o sal fosse separado do “mênstruo” e, em seguida, dissolvido e feito o líquido evaporar de modo que restasse apenas o ouro potável, a verdadeira tintura, que era o grande arcano (*arcanum*) dos filósofos.

Além das quintessências, dos magistérios e das tinturas, os corpos possuíam outra propriedade ou força (*vis*) que poderia ser extraída. Trata-se dos elixires que era responsável pela conservação dos corpos.

Segundo Della Porta, os elixires não alterariam ou melhorariam o estado dos corpos, mas apenas os conservariam da corrupção, por causa de sua tenuidade (*tenuitas*)²⁶. De acordo com o mago napolitano, existiriam três espécies de elixires: a dos metais, das gemas e das plantas. Os elixires “[seriam] diferentes das essências, dos óleos, dos extratos e das tinturas. Eram diferentes das tinturas porque os elixires não retiravam completamente a cor de seu composto. Não eram óleos porque, carecendo de gordura, eles se diluíam na água e também não eram essências porque estavam destituídos da limpidez, transparência e clareza. Os elixires eram, assim, um certo meio entre a essência e o óleo e, como ainda retinham algo da cor, eram ainda uma substância intermediária entre a tintura e a essência, apresentando-se mais com a aparência líquida do que a outra”.²⁷

O elixir não era “forma”, nem “matéria”, mas uma virtude e propriedade ou “eficácia” (*efficacia*) de um corpo. Nesse sentido, ele não seria nem quintessência, nem tintura, nem magistério, mas uma “qualidade” entre todos eles, uma força (*vis*) que conservava o espírito essencial de um corpo com suas propriedades e qualidades.

Além do processo de extrair essas quatro virtudes, Della Porta descreve ainda um quinto. Trata-se do processo de obter o “clisso” (*clissus*), uma substância, muito útil para a medicina, que seria a mistura de todas as partes sutis de uma planta²⁸. O procedimento para seu preparo consistia em extrair de uma única planta todas suas essências ou “sutilidades” que depois eram novamente destiladas:

“(…) Em uma planta a raiz, a folha, a flor, a fruta e a semente e em todas essas partes, há uma natureza peculiar. A confecção é assim: recolha a raiz quando ela estiver madura, as folhas quando elas estiverem verdes e frescas,

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

²⁷ Della Porta, *De distillatine*, VIII, 7.

²⁸ Della Porta, *Magiae naturalis libri XX*, X, 18.

as flores quando elas estão desabrochadas, a fruta e as sementes em seu tempo devido. Extraia a “sutibilidade” (*subtilitas*) ou essência (*essentia*) de todas elas por meio da destilação, maceração ou calcinação, ou qualquer outra das primeiras formas [que já foram ensinadas]. Mas quando elas são extraídas em suas variedades, uma em forma de óleo, outra de sal ou líquido (*liquor*), então, misture-as todas de modo que sejam unidas em um único corpo que é chamado “Clissus”.²⁹

Obtidas, dessa forma, os óleos, os sais e outros líquidos, estes eram colocados em três recipientes distintos, com pescoços compridos, que eram unidos a uma única cabeça. Todos esses vasos eram selados e colocados sobre o fogo. Assim, o calor elevava as mais finas substâncias ou essências de cada recipiente, que se misturavam na cabeça e escorriam pelo nariz para o recipiente. Essa congregação de substâncias destilada recebia a denominação de “clisso” (*clissus*)

Considerações finais

Concluindo, podemos dizer que a idéia de que a destilação possibilitaria obter as mais puras virtudes dos medicamentos foi se transformando ao longo do século XVI. Entretanto, persistia ainda a concepção medieval de que as quintessências, ou seja, a Vida dos diversos materiais da natureza, seriam poderosíssimos medicamentos, essências extremamente puras e sutis que demandavam complexas formas de extração. Além disso, a arte da destilação continuou a ser extremamente valorizada. Tanto é que descrições de aparatos e processos destilatórios para extração de essências viriam a ser especificamente focalizados por Della Porta em finais do século XVI. Desse modo, podemos dizer que as idéias de Della Porta sobre a destilação, ao mesmo tempo em que davam continuidade a idéias medievais, enfatizavam a busca de meios mais eficientes de se extrair as poderosas virtudes dos diversos materiais, possibilitando não só descobrir as várias propriedades da natureza, mas também potencializar os seus efeitos.

²⁹ Ibid.